A NOVA SEDE DO INSTITUTO

LUÍS SUCUPIRA

Praza aos céus venha a ser esta a última e definitiva transferência de sede imposta pelas circunstâncias ao Instituto do Ceará numa já bem longa e proveitosa existência de oitenta anos.

Desde a sua fundação, em 4 de março de 1887, o ilustre sodalício tem andado numa roda viva em busca de um pouso certo, onde pudesse desempenhar sua patriótica missão de "fazer conhecida a história e a geografia da Província e de concorrer para a propagação das letras e das ciências no Ceará", conforme se propôs na sua reunião primeira, levada a efeito em um dos salões da Biblioteca Pública da Capital, onde passou a funcionar com permissão do Presidente da Província, Enéas de Araújo Torreão. Nos dias de calor, as reuniões do Instituto eram realizadas à sombra de copado e vetusto oitizeiro, situado nos fundos da igreja do Rosário, fazendo ângulo com o edifício da Biblioteca, razão por que passou a veneranda árvore a ser conhecida como o "Oitizeiro do Instituto", tendo a sua derrubada, em 1929, provocado animadas discussões na sessão de 20 de maio, resolvendo, por fim, os presentes, "lamentar o desprêzo do poder público pelas tradições e relíquias existentes em Fortaleza".

Em 1896 foi transportado o Instituto para o pavimento térreo do edifício da Assembléia Legislativa, cedido pelo então Presidente do Estado, conselheiro Nogueira Acioli.

Não demorou ali por muito tempo, arrumando novamente malas e livros, a fim de instalar-se em acanhado prédio de aluguel na Rua Floriano Peixoto. Por falta de meios pecuniários ou de comodidade, o fato é que fêz nova arribada o Instituto, indo parar, por alguns anos, na residência do seu então Presidente, o imortal Barão de Studart, saindo depois para a sala que, na sede do Arquivo Público, situado na Rua 24 de Maio, lhe foi destinada pelo Interventor Federal no Estado, major Carneiro de Mendonça, o que se deu no dia 5 de março de 1934.

Apesar disso ainda não conseguiu o Instituto morada permanente, visto como volta a funcionar nos baixos da Assembléia Legislativa, ocu-

pando salas onde se encontrava a Biblioteca Pública, transferida em 1947 para a Rua Solon Pinheiro.

As exigências do Poder Legislativo não permitiram, porém, que ali permanecesse por longo prazo a respeitável sociedade, e, daí, nova mudança em 1951, desta vez para o prédio do Museu do Estado, que fôra instalado no superanoso edifício do antigo Tesouro, sito na Praça da Sé. A fim de assegurar, ao menos por mais largo período, a sua estada em as novas instalações, conseguiu o Instituto do Ceará com o governador Raul Barbosa a aprovação de lei que tomou o número 1 105, de 25 de outubro de 1951, por meio da qual lhe era concedido, por tempo indeterminado, o uso do local e que só findaria quando se houvesse construído o Palácio da Cultura, onde seria abrigado em definitivo o erradio sodalício.

Acontece que, em vez do Palácio da Cultura, que, para os cearenses, tem ares de Palácio Encantado, o que decidiu o Govêrno foi a ereção, no lugar mesmo em que se aboletava o Instituto, de um Palácio da Justiça, e, daí, novas arrumações de malas e livros e nova mudança, em 1956, para o imóvel em que vinha funcionando o Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, no Benfica, na hoje Avenida da Universidade. Nesse passo, procurou-lhe garantir ali a permanência o governador Paulo Sarasate, por meio de promessa legal, que lhe permitiria, de certo modo, uma expectativa de sossêgo por mais dilatados anos.

Mas os fados não consentiram, ainda desta vez, que a situação de estabilidade se distendesse folgadamente, impondo-se mais uma arribada, que todos fazemos votos a Deus por que seja a última, a definitiva, e que arrastou o Instituto, com seus sócios, com seus livros, com seus arquivos, a fixar-se nesta realmente suntuosa sede, digna por todos os motivos da nossa admiração e do nosso encantamento, de envolta com uma gratidão que promete ser imorredoura, tão imorredoura quanto a permanência sob êste magnífico teto, que a imaginação dos que fundaram nossa agremiação e mesmo de quantos lhes sucederam nas suas cadeiras e nos seus ideais "debuxar jamais pôde ou nunca ousara", como escreveu o poeta.

Estamos aqui pensando qual seria a reação dos antigos companheiros já desaparecidos, que não se conformavam com um "viver de arribada", ante a impossibilidade, sempre mais cruciante, de uma sede social própria. E entre êles, Eusébio de Sousa, que, em sessão de 5 de março de 1930, sem fugir, apesar de tudo, ao cultivo de esperanças embora longínquas, assim se expressava: "Quem espera sempre alcança, diz a sabedoria popular. Aguardamos o dia de amanhã. Questão de tempo; mais cedo ou mais tarde o Instituto converterá em realidade a sua ambição. Teremos, então, um prédio próprio, onde melhormente possamos guardar as nossas relíquias. E, não só: satisfazer ainda a finalidade do nosso Grêmio, que não é outra senão a cultura da história, geografia e etnografia do Brasil, especialmente do Ceará." "Há de chegar o dia do nosso triunfo. Ao meu ver, isso

sucederá sòmente quando melhor formos compreendidos pelos homens que nos governam."

Eusébio de Sousa poderia ter acertado mais seguramente se tivesse declarado que "isso sòmente sucederá quando homens do Instituto passarem a ocupar postos no Govêrno".

Realmente, êsse triunfo das mais antigas e mais dignas e mais justas aspirações de quantos vêm dando existência, valor e vitalidade ao Instituto do Ceará, é uma decorrência de haverem os que constituem seus quadros atuais, pela sua cultura, pela sua influência no mundo intelectual e social do nosso Estado, galgado posições destacadas na vida pública, assumindo postos os mais elevados no Govêrno, inclusive na própria cúpula administrativa e a chefia mesma do Estado, como é o caso de Plácido Aderaldo Castelo, nosso Governador, Mozart Soriano Aderaldo e Raimundo Girão, seus Secretários de Govêrno, a quem deve o Instituto achar-se hoje na posse dêste imóvel, verdadeiro palacete, que passou na verdade a abrigar a glória de um povo e a honrar uma Instituição que, sem favor, é depositária das mais primorosas manifestações da nossa cultura, colocando o nome do Ceará em posição de supremo relêvo no que diz respeito à afanosa e paciente busca de documentos que testemunhem e esclareçam tôda a história de uma terra e de sua gente.

Convém, ainda, não esquecer, nesta ambicionada consecução de uma sede para êste sodalício, a participação ativa e afetiva que nela teve o nosso dedicado e eminente companheiro, Antônio Martins Filho, que, aproveitando-se da sua investidura e passagem na Reitoria da Universidade Federal do Ceará, tudo fêz para que se tornasse realidade o importante acontecimento agora festejado. Desde que ingressou no quadro social do Instituto, o professor universitário Martins Filho empolgou-se em proporcionar-lhe meios próprios para a divulgação dos trabalhos dos seus associados, principalmente a veterana e poderosa Revista, que vem circulando desde 1887, e cuja publicação representava verdadeira Odisséia, mas que é considerada, na opinião de José Honório Rodrigues, "o mais rico repositório histórico e geográfico brasileiro", depois da *Revista do Instituto Histórico do Brasil*. Essa Revista, de que foi fundador o Patrono desta Casa, o nunca, jamais admirado e elogiado Barão de Studart que dela assumiu a direção exclusiva durante 35 anos, a partir do tomo oitavo até o número 42, sofria terríveis dores de parto na época de sua circulação. Freqüentou, para isso, as várias tipografias existentes na ocasião, em Fortaleza, desde a Tipografia Econômica e a Tipografia Cearense, nos seus primeiros fascículos, até a Tipografia Minerva, a Tipografia Gadelha, a Tipografia Ramos Pouchain, havendo ainda o Barão de Studart, que jamais pensou meter-se em negócios, chegado a fundar uma oficina gráfica, para nela imprimir seus magníficos trabalhos e, principalmente, a sua adorada Revista.

Martins Filho, ansioso por ver resolvido o cruciante problema da edição da Revista, arranjou meios de dotá-la com tipografia própria,

facultando-lhe, assim, de modo extraordinário, o seu aparecimento periódico.

Quando assumiu a Reitoria da nossa Universidade, por êle idealizada, organizada e posta a funcionar admiràvelmente, continuou dando ao Instituto uma assídua assistência pessoal e material, oferecendo-lhe meios financeiros para sua subsistência.

Por último, precisando de incorporar o edifício em que funcionava a já então denominada "Casa do Barão de Studart" no *campus* da Universidade, adquiriu êste prédio que agora inauguramos, nisso despendendo cem milhões de cruzeiros antigos, e pondo mais à nossa disposição elevada quantia para os trabalhos de restauração do imóvel, sobremodo estragado.

Nesse interim, fazia-nos conseguir, através de trabalho em conjunto de Mozart Soriano Aderaldo e Raimundo Girão, nossos prezados consócios, Menagem do governador Plácido Aderaldo Castelo, propondo à Assembléia Legislativa a permuta do edifício da última sede do Instituto com êste imóvel, de que, agora, passamos a ter uso e gôzo, não mais temporário ou condicional, mas definitivo e sem restrições.

Faz-se mister, nesta feliz oportunidade, dar o devido realce à cooperação do atual Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará, professor Fernando Leite, que, substituindo Martins Filho, prontificou-se a manter os compromissos por êste assumidos para com o Instituto, dispondo-se mais a oferecer tôdas as facilidades para que êle pudesse inaugurar a nova sede dentro do programa comemorativo do seu 80.º aniversário de existência.

Se, até então, trabalhando sem pouso certo, na expectativa de molestantes ações de despejo, realizou o Instituto, sem ares de lisonja, a mais profícua e a mais admirável obra de afirmação da nossa cultura, na realização perfeita do seu lema — *Dedimus Profecto Grande Patientiae Documentum* — investigando o passado, rememorando suas tradições, arrancadas dos arquivos, do solo ou das pedras carcomidas dos monumentos, que dizer daqui por diante, quando tem a garantia de uma estabilidade perene para *adjiciat animum ad studia serio et constanter!*

Aumentaram, por sem dúvida, com a posse desta maravilhosa sede, as nossas responsabilidades. Precisamos, daqui por diante, abrir as nossas portas não apenas aos nossos companheiros mas a quantos desejem o convívio com os nossos livros, com os nossos documentos, porque uma Instituição como esta deve ser um centro não apenas de armazenamento mas de divulgação cultural, intelectual, moral e estética.

Há mister, sobretudo, atrair-se a mocidade para um salutar convívio com a esplendorosa herança acumulada nesses oitenta anos de sedimentação de conhecimentos, espelhados ou conservados na imensa biblioteca pacientemente acumulada, graças ao esfôrço beneditino dos que nos precederam e à benemerência de quantos

procuram transformar o nosso retiro num verdadeiro biotério. Porque, com o padre Gonzaga Cabral, podemos dizer que a biblioteca, encerrando as relíquias do espírito, lega à posteridade partículas de poeira viva. Nas suas páginas, aparentemente imóveis, ficam-se faulhando as faíscas brilhantes das chamas que foram crepitar em outras regiões, tendo assim, pleno cabimento, a expressão latina: *defunctus adhuc loquitur*.

Sim, entre os esplendores do livro, continua a falar-nos a alma, no faiscar do espírito que deixou nas páginas escritas o melhor da sua essência e o mais prodigioso das suas energias.

A mocidade, que procura enrijar os remígios para os volutelos na conquista dos ideais sonhados, encontra no trato com os livros a maravilhosa extensão de relações no tempo e no espaço para a formação do seu caráter, para a lucubração das suas idéias e para a coordenação dos seus planos de crescer, criar, subir.

Assim, em vez da desalentada conclusão de Eduardo Herriot: — *nous n'avons plus la jeunesse avec nous* — precisamos convencer-nos de que a mocidade estará conosco, desde que lhe acenemos com os encantos da Mestra da Vida e lhe mostremos que as boas companhias intelectuais predispõem e animam para as grandes conquistas nos embates em que se empregam como armas o saber e a inteligência bem cuidada.

Já dizia Emerson que o sonho da mocidade é a procura do grande homem. E onde irá ela encontrá-lo mais fàcilmente, mais intimamente do que na freqüência das bibliotecas? Cada ato do homem inscreve-se na memória dos seus companheiros, nos seus próprios costumes e sôbre a sua própria face. No homem, a memória é uma espécie de espelho, que, tendo recebido a imagem dos objetos que o rodeiam, é tocado de um sôpro de vida e os dispõe numa nova ordem. Os fatos passados não permanecem aí inertes, porém. Uns apagam-se e outros brilham de tal sorte que, sùbitamente, projetam um nôvo quadro, composto de ações memoráveis. Alguns homens nascem com o poder de comunicar não apenas o que sentem mas igualmente o que pensam. São os homens marcados com a vocação do escritor. O fato, ou coisa que observam ou experimentam, qualquer que seja, oferece-se-lhes como um modêlo e posa como para um retrato. Crêem que tudo o que pode ser pensado pode ser escrito, cedo ou tarde. Podem sofrer derrotas nas suas tentativas, mas constituem elas a preparação de suas vitórias. Se não alcançam abraçar a idéia no primeiro contacto com ela, ela espera e trabalha até, que, por fim, se amolda à sua vontade e consegue ser articulada, surgindo a obra de arte, aquilo que Horácio batismou de *monumentus aere perennius*.

Por isso é que dizia o sábio chinês Mencius: "Um sábio é o mestre de cem séculos."

As estantes desta casa estão repletas dêsses mestres, que pedem ouvintes, discípulos, seguidores. Os que, aqui, já ultrapassaram a curva

da vida, em que a velhice representa o último pouso, não podem mais ser os discípulos predìletos dêsses pregadores de idéias e animadores de ideais. É preciso, portanto, oferecer-lhes novos arautos dos seus pensamentos e aplicadores dos seus ensinamentos, que serão os moços, dominados pelos anseios de conquistas e pelos impulsos de ação construtiva.

Assim, esta casa, agora tão atraente pelo seu aspecto geral, tão agradável pela sua apresentação externa e interna, tão acolhedora pelo seu ambiente simpático e amigo, precisa tornar-se convívio daqueles que, dominados pela paixão da verdade, passam a ter certeza de que aqui encontrarão ocasião, oportunidade e meios para dessedentar a inteligência sequiosa de aperfeiçoamento e aperceber-se de conhecimentos superiores que só a familiaridade com os bons livros faculta e propicia.

Ilustres companheiros do Instituto do Ceará:

Estamos, afinal, em nossa casa própria. Regozijamo-nos com esta conquista que era bem a meta maior das nossas mais caras aspirações. E agradecendo a Deus por nos ter permitido alcançar aquilo que os nossos caríssimos antecessores não conseguiram, apesar de profundos anelos, agradeçamos também aos que nos proporcionaram esta imensurável satisfação de saber que, daqui por diante, se acabaram definitivamente as tão lamentadas "arribadas" do nosso Instituto.